

Dia	Hora	Intenções
Terça 25	19:30	- João Cândido Rodrigues, Lucinda Lopes Cerqueira, filho Agostinho e neto Filipe João - m. c. Filhas; - Pais de Lúcia Costa.
Quinta 27	19:30	- Joaquim Martins de Almeida, Esposa Pais e Irmãos - m. c. Afilhada.
Sexta 28	19:30	- João Cândido Rodrigues - m. c. Pessoa Amiga (pg); - IVº Aniv. - Maria da Conceição da Costa Redondo e João da Cunha Redondo - m. c. Mãe.
Sáb 29	19:15	- Igreja do Senhor da Cruz de Pedra: - António Manuel do Rego Campelo (8/20) - m. c. Família (pg); - Anselmo Cerqueira Bota, Pais e Sogros - m. c. Esposa; - Eulália e Filho - m. c. Marido (pg).

XVII Domingo do Tempo Comum

07:00	- João Correia Amorim, Esposa e sobrinho António - m. c. Ana Araújo Amorim - António Martins, Esposa e Familiares (24/50) - m. c. Filhos (pg); - Maria Ascensão Cerqueira Lopes, Maria Ascensão Oliveira Pimenta Vieitas, Maria do Céu Rebelo de Matos e Maria da Glória Rebelo de Matos - m. c. Pessoa Amiga (pg); - Joaquim de Lima e Esposa (1/5) Rol (pg);
Dom. 30	- José Marques Armada, Esposa e filho Agostinho - m. c. Lurdes Armada (pg).

Avisos

- Estão abertas as inscrições para o Primeiro Ano de Catequese até ao dia 31 de Agosto. Procurem as fichas de Inscrição no Cartório Paroquial, nos dias de atendimento, ou junto do Pároco.

Boa Semana!

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Paróquia de São João da Ribeira • **Diretor:** Pe. Manuel de Almeida e Sousa
• **Publicação:** Semanal • **Tiragem:** 150 Ex. **tel.** 258 944 132 • **E-mail:** parocoribeira@diocesedeviana.pt
• **Site:** www.paroquias-ribeira-fornelos-queijada.com - Isento a) nº 1 art 12º DR 8/1999 de 9 de junho.



O JOANINO

Nº 1246 – 23 a 29 de Julho de 2023



XVI DOMINGO DO TEMPO COMUM



A liturgia do 16º Domingo do Tempo Comum convida-nos a descobrir o Deus paciente e cheio de misericórdia, a quem não interessa a marginalização do pecador, mas a sua integração na comunidade do "Reino"; e convida-nos, sobretudo, a interiorizar essa "lógica" de Deus, deixando que ela marque o olhar que lançamos sobre o mundo e sobre os homens.

A primeira leitura fala-nos de um Deus que, apesar da sua força e onnipotência, é indulgente e misericordioso para com os homens - mesmo quando eles praticam o mal. Agindo dessa forma, Deus convida os seus filhos a serem "humanos", isto é, a terem um coração tão misericordioso e tão indulgente como o coração de Deus.

O Evangelho garante a presença irreversível no mundo do "Reino de Deus". Esse "Reino" não é um clube exclusivo de "bons" e de "santos": nele todos os homens - bons e maus - encontram a possibilidade de crescer, de amadurecer as suas escolhas, de serem tocados pela graça, até ao momento final da opção definitiva.

A segunda leitura sublinha, doutra forma, a bondade e a misericórdia de Deus. Afirma que o Espírito Santo - dom de Deus - vem em auxílio da nossa fragilidade, guiando-nos no caminho para a vida plena.

In "Dehonianos"



Iª Leitura: 1Rs 3, 5. 7 - 12;
Salmo Responsorial: 118 (119);
IIª Leitura: Rm 8, 28 - 30;
Evangelho: Mt 13, 44 - 52.

LITURGIA DA PALAVRA
Domingo XVII do Tempo Comum
30 de Julho de 2023

Primeira Leitura:

Leitura do Primeiro Livro dos Reis

Naqueles dias, o Senhor apareceu em sonhos a Salomão durante a noite e disse-lhe: «Pede o que quiseres». Salomão respondeu: «Senhor, meu Deus, Vós fizestes reinar o vosso servo em lugar do meu pai David e eu sou muito novo e não sei como proceder. Este vosso servo está no meio do povo escolhido, um povo imenso, inumerável, que não se pode contar nem calcular. Dai, portanto, ao vosso servo um coração inteligente, para governar o vosso povo, para saber distinguir o bem do mal; pois, quem poderia governar este vosso povo tão numeroso?». Agradou ao Senhor esta súplica de Salomão e disse-lhe: «Porque foi este o teu pedido, e já que não pediste longa vida, nem riqueza, nem a morte dos teus inimigos, mas sabedoria para praticar a justiça, vou satisfazer o teu desejo. Dou-te um coração sábio e esclarecido, como nunca houve antes de ti nem haverá depois de ti».

Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial:

Quanto amo, Senhor, a vossa lei!

Segunda Leitura:

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos: Nós sabemos que Deus concorre em tudo para o bem daqueles que O amam, dos que são chamados, segundo o seu desígnio. Porque os que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que Ele seja o Primogénito de muitos irmãos. E àqueles que predestinou, também os chamou; àqueles que chamou, também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou.

Palavra do Senhor.

Aleluia: cf. Mt 11, 25

Bendito sejas, ó Pai, Senhor do céu e

da terra, porque revelastes aos pequeninos os mistérios do reino.

Evangelho: Mt 13, 44 - 52.

A HUMANIDADE DO PADRE

Não pude deixar de refletir, por estes dias, na condição sacerdotal atual. Primeiro tolhido e abatido pelo número de padres que têm falecido. Não há semana em que a Ecclesia não noticie a morte de um sacerdote e há semanas em que temos um óbito de um padre todos os dias. Há uma geração de sacerdotes, que deixou uma marca indelével na Igreja e na sociedade, que está a partir. Não podia ser mais premente o apelo do Evangelho aqui há uns tempos atrás, não para se acordar Deus ou se dar um puxão de orelhas ao Espírito Santo, mas para despertar todos e cada um para a sua vocação e para a necessidade de dar mais: pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Em segundo, refletindo em dois apelos importantes: um vindo de D. Vitorino Soares, para que as comunidades cuidem dos seus pastores e os pastores também cuidem uns dos outros, e se rezasse pelos pastores que andam mais abatidos, desiludidos e cansados; outro vindo de D. António Luciano, pedindo aos padres que tenham uma vida interior séria e com profundidade espiritual.

Todos estes apelos são bem-vindos e têm razão de ser, há que rezar pela santificação dos sacerdotes, mas, hoje, mais do que nunca, é preciso primeiro cuidar da humanidade do padre. O baixo número de vocações está a levar a que os padres assumam muitas paróquias e se multipliquem por um sem número de atividades e ações. Ainda vigora o “padrocentrismo” em muitas paróquias. Tudo se faz com o padre e nada se faz sem o padre. Exige-se a sua presença em todo o lado. Por outro lado, o estatuto do padre mudou. Já não tem a autoridade de outros tempos. Ainda é ouvido, mas depois cada um faz o quer

e deixa o padre a falar sozinho. Parece que anda a pregar para surdos, salvo seja. No meio deste relativismo, o padre sente-se um pouco perdido e com um trabalho muito mais dificultado, o que não deixa de ser um grande desafio. Mas, por outro lado, muitas pessoas ainda procuram o padre, porque vivem num turbilhão de dúvidas, incertezas, angústias, dificuldades, vazio existencial e desnorte moral e espiritual, que a sociedade atual oferece, e a voz do padre ainda é valorizada.

Temos uma formação vincadamente humana, intelectual, moral e espiritual, centrada na liturgia e na pregação, mas quando chegamos às paróquias percebemos que temos de ter alguma plasticina, moldada pelo engenho e pela carolice de cada um: ser secretário, burocrata, empregado, cozinheiro, dono de casa, sacristão, maestro, assistente disto ou daquilo. Como se isto não chegasse, ultimamente ainda lhe arranjaram o cargo chique de ser presidente de centros paroquiais. Muitos párcos aceitam, porque assim também mandam as regras, dá poder e visibilidade social, mas acho que os padres não são ordenados para serem presidentes de centros paroquiais, para o qual não tiveram nenhuma formação ou muito pouca. É um cargo com alguma exigência. No meio desta azáfama toda, pergunta-se: o padre ainda terá tempo para ser padre? É ordenado para ser padre e depois é quase tudo menos padre. Certamente que deve dar o seu contributo no campo social e no serviço às instituições, mas não deve ser o padre a liderar. Há leigos com formação neste campo, que perfeitamente podem ocupar o cargo. O trabalho de «funcionário» das paróquias e da Igreja, infelizmente, traz muito prejuízo para a vida espiritual e para a disponibilidade que o padre deve ter para os outros como padre. Duvido que agendas sobrecarregadas, com muitas atividades, reuniões e ações, façam dos padres bons padres. Há um excesso de preocupação

pelo fazer e não pelo ser e estar, que é o fundamental da vida de um padre. Até o povo já se habituou a comentar que «o senhor padre tem muito que fazer e, coitado, anda tão cansado». Quem me liga para o telemóvel, já me vai dizendo muitas vezes “desculpe incomodá-lo, que o Senhor deve ter muito que fazer”. Se assim é, alguma coisa não está bem na vida do padre atual.

Ser padre exige alguma prudência, equilíbrio e humildade, para não se cair no vedetismo, que é sempre uma tentação. O padre indica, deve apelar sempre e ser ponte para algo muito maior do que ele: Jesus Cristo. Na Igreja, o centro das atenções é Jesus Cristo e não o padre. Mete-me alguma confusão e impressão ver padres armados em vedetas e nas paróquias grupos de pessoas alinhados com certos padres e com outros não, ou multidões dominicais com uns padres e desertos com outros. São sinais evidentes de grande superficialidade e imaturidade cristã. O padre que é vedeta, com agenda e objetivos pessoais, é um mau padre, e uma comunidade que se centra muito no estilo do padre, é uma má comunidade. Uns têm mais talentos do que outros e alguns serão mais apelativos do que outros, mas uma boa comunidade cristã e um bom cristão centra-se em Cristo e não no padre que tem.

Mas o que mais refleti, já embalado pela vintena de anos do meu sacerdócio, foi o encontro com a minha pobreza e a minha fragilidade no exercício do sacerdócio. Julgamos que vamos ser sempre jovens e que vamos ter sempre novidade, criatividade e frescura espiritual e pastoral para dar e vender, mas não é bem assim. O encanto por ser padre e servir Cristo e a Igreja não se perdeu, mas vive-se na fragilidade da nossa humanidade.

(cont)

Padre Vítor Pereira, in “Ecclesia”